



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

A HETERONORMATIVIDADE NAS RELAÇÕES DE ACEITAÇÃO E ENFRENTAMENTO DE GAYS, LÉSBICAS E BISSEXUAIS DENTRO DE CASA.

**Francicléia Lopes Silva, Ana Karolyne Florencio Amorim, Anderson
Klismann Costa Dantas, Marcelo Xavier de Oliveira e Tatiana Cristina
Vasconcelos.**

Faculdades Integradas de Patos

O presente artigo tem como objetivo analisar o enfrentamento e a aceitação de homossexuais e bissexuais com as relações parentais em diferentes regiões do Brasil e se existe influência das redes sociais extra familiar neste processo, tendo como hipótese a influência da opressão masculina e da heteronormatividade nas atitudes e reações dos pais quanto ao *coming out* dos seus filhos. Esta pesquisa partiu do interesse individual dos pesquisadores e também justifica-se por possibilitar a ampliação do debate acerca do tema, tendo em vista que as relações homoafetivas tem sido amplamente discutidas e compreender sua dinâmica através de suas redes sociais (famílias, amigos) faz-se necessário para desconstruir discursos de viés preconceituoso e favorecer para que o processo do *coming out* não traga sofrimento aos homossexuais.

Trata-se de um estudo do tipo delineamento correlacional, no qual conta com uma amostra de sete participantes, com idade média de 21 anos. Os participantes são brasileiros , dois participantes são da Paraíba, um do Paraná, dois do Rio de Janeiro, um



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

do Rio Grande do Sul, um do Rio Grande do Norte. Desta amostra, dois se definem bissexuais, três homossexuais e duas lésbicas. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário aberto com vinte e uma questões, contendo quatro categorias de análise, a primeira voltada para os dados sócio demográfico dos participantes, a segunda sobre as relações dos respondentes com os pais, a terceira voltava-se para as relações extra familiares e a quarta buscava informações sobre a auto-estima e auto percepção dos participantes. Os questionários foram aplicados de duas formas: presencial e virtual. Para a avaliação dos dados dividiu os participantes em três grupos (gays, lésbicas e bissexuais) no qual foram analisados os dados em comum dentre os grupos, os dados presentes em todos os grupos e se havia representações heteronormativas nas respostas dos participantes.

Os resultados encontrados no grupo de gays assim como na pesquisa de Xavier (2013), os participantes optaram por realizar o *coming out* aos 19 anos. Os sujeitos também apresentam maior autonomia quanto aos demais grupos. Os participantes relatam que não sofreram rejeição por parte dos colegas, e demonstram que antes da revelação, havia um bloqueio causado pelo medo da opressão, que segundo Xavier (2013), este é um dos motivos que dificulta a prática do *coming out*:

“O medo de ser julgado e de perder amizades era o que me fazia hesitar a contar algo de que acontecia na minha vida para quem eu gostava”.

O grupo de lésbicas apesar de demonstrarem ser mais aceitas tanto nas pesquisas realizadas por Xavier (2013), quanto por Marvin (2002, apud PALMA, 2008), uma das participantes relata uma situação oposta aos resultados destes pesquisadores quanto à aceitação por parte da sua mãe. Este momento é representado pela “crise familiar” onde os familiares reagem mal no início, existindo reações de rejeição emocional, violência verbal ou física (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008). Mas apesar destes fatores, sabe-se que algumas famílias, após a crise inicial, tornam-se mais receptivos (CIANCIOTTO &



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

CAHILL, 2003; PACHANKI & GOLDFRIEL, 2004; SAVIN-WILLIAM, 2001, apud XAVIER, 20013). Assim como aconteceu com Giih:

“Hoje a gente é muito mais parceira do que era” (Giih, 20 anos).

É frequente na fala dos participantes do grupo de bissexuais a percepção dos familiares quanto a orientação sexual deste indivíduo ser representada por uma fase, uma má influência, assim como na pesquisa de Xavier (2013). Outro fato interessante é quanto à relação com a figura paterna, na qual após a revelação da identidade bissexual, piorou, e é representada por intrigas:

“... Parece que eu feri a moral dele... Ele já me disse até que sou a maior decepção dele... Ele não sabe lidar com isso e parou de falar comigo” (Ju, 19 anos).

Os fatores presentes em todos os grupos estão relacionados quanto à justificativa da reação dos pais a sua identidade sexual no qual as respostas estão relacionadas à religiosidade dos familiares e assim como nas pesquisas de Xavier (2013) da percepção de que a homossexualidade é uma “doença” que se trata de uma “fase”:

“... Minha mãe é evangélica, acredita que deus fez o homem e a mulher apenas, sonha em ser avó e que eu casasse na igreja, ela acha que o homossexualismo é uma fase ou uma influência, logo ela crê que isso “se pega”, como uma doença contagiosa.” (Mario, 22 anos, gay).

“Ninguém da minha família aceitou. Disseram que é uma fase, influência... Idade, religiosidade, medo do que os outros vão pensar...” (Cacá, 19 anos, bissexual).

“Minha família sempre foi bem religiosa,... sempre seguiram o que a religião orientava.” (Giih, 20 anos, lésbica).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Quanto a heteronormatividade no sentido das representações sociais impostas a ambos os sexos, e nas imposições sociais que os sujeitos incorporam como ditas “normais” (BOUDIEU, 1999, apud MEINERZ, 2008), nota-se aspectos heteronormativos estando presente nas perguntas relacionadas à percepção de amigos e pais sobre a orientação sexual dos sujeitos.:

“Eu tinha medo que qualquer coisa que eu fizesse de errado ‘mainha’ atribuísse a essa questão sexual...” (Bear, 25 anos).

Em outro momento Bear faz atribuições negativas quanto aos gays ditos afeminados, apresentando neste discurso a dicotomia da oposição binária (HÉRITIER, 1996 apud MEINERZ, 2008):

“... Eu... um certo preconceito com os gays... que eram afeminados... que eles se exponham. E eu tinha um certo receito, de não ter relações com eles...” (Bear, 25 anos).

A teoria de Rubin (1975, apud MEINERS, 2006) sobre o *sex/gender system*, faz-se presente na percepção dos participantes quanto à atitude das mães a respeito da sexualidade dos filhos tornando a sexualidades dos indivíduos em compulsão a heterossexualidade:

“... Minha mãe sempre deixa claro que gostaria que eu “tentasse” estar com um homem...” (You, 21 anos).

Em outro momento, uma das participantes mostra que as normas da opressão masculina não se faz presente somente no discurso dos pais, mas também dos amigos e para qualquer pessoa que se assemelha a estes. (NASCIMENTO, 2010):



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

“... Eu me sentia um lixo, queria ‘voltar a ser hetero’ queria parar com as piadinhas, às poucas amigas que me restaram eram alvo de piada e de fofocas falando que eram lésbicas também...”(Giih, 20 anos).

Pode-se concluir que há uma deficiência de estudos direcionados a esta temática, pois o foco está voltado para a relação dos filhos homossexuais com seus familiares, em especial pai e mãe. Mas a uma grande dificuldade dos participantes relatarem a relação com o pai, tendo em vista que a grande maioria opta por não revelar diretamente ao pai sobre sua identidade sexual, e atribuem à mãe um papel de mediadora atuando como uma informante a figura paterna sobre a orientação sexual do filho.

Compreende-se também que os filhos atribuem a reação de rejeição dos pais por estes se fazerem religiosos, nos possibilitando relacionar este fato ao contexto histórico das relações homoeróticas, no sentido em que a idade média representa um grande papel na perpetuação da marginalização das “práticas” homossexuais, que antes deste período eram tidas como “naturais” e aceitáveis (PALMA; LEVANDOWSKI, 2008). No que informa que as influências das práticas medievais é fortemente presente nos dias atuais.

Por fim, pode-se concluir que a heteronormatividade é um fator atuante nas relações entre pais e filhos, devido à opressão masculina está diretamente relacionada com a construção sócia cultural do individuo brasileiro (NASCIMENTO, 2010), dotada da carência da desconstrução da hierarquização dos papéis de gênero dentro e fora “de casa”, nos direciona ao sentido que a desconstrução da heteronormatividade é uma prática que engloba todo um sistema judicial, social, econômico, regionalista, cultural e racial.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, D. C. *Visíveis e invisíveis: práticas e identidade bissexual*. 2007. 112 f. Universidade Federal de Pernambuco. Recife março de 2007.

FRAZÃO, P. ROSÁRIO R, O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares, *Análise Psicológica*. 2008. Maio de 2008.

MEINERZ, E. N. Relações sociais de gênero. In: Obra coletiva organizada pela universidade luterana do brasil. *Desigualdades de gênero, raça e etnia*. Curitiba-PR: Ulbra, 2008/2009. p. 45-59.

MEIRA, B. L. Homossexuais. in: _____. (Org.). *Sexos: Aquilo que os pais não falaram para os filhos*. João Pessoa- PB: Editora Universitária UFPB/BC, 2014. p. 34-35.

MEIRA, B. L. Quais são os fatores que determinam a heterossexualidade?. in: _____. (Org.). *Sexos: Aquilo que os pais não falaram para os filhos*. João Pessoa- PB: Editora Universitária UFPB/BC, 2014. p. 45-46.

NASCIMENTO, N. A. M. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo?, *Athenea Digital*, Londrina-PA - núm. 17: 227-239. Março de 2010 -CARPETA- ISSN: 1578-8946.

PALMA, A. Y. LEVANDOWSKI, C. D. *Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas*. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 13, n, 4, p. 771-779, outubro/dezembro 2008.

XAVIER, R. M. B. *E se eu (não) contar quem sou? Estudo exploratório em jovens homossexuais masculinos sobre as percepções das (im)possibilidades da revelação da orientação sexual ao pai: implicações para a construção de identidades sexuais não-normativas*. 2013. 59 f. Universidade do Minho Escola da Psicologia. Junho 2013.